

HISTÓRIA DO GARIMPO NO MUNICÍPIO DE PEIXOTO DE AZEVEDO-MT

Fabiane Constantino da Silva¹

Lailine da Silva Alves dos Reis²

Marciane Dias dos Santos³

Milene Aparecida Lopes Munhoz⁶⁹

Samuel da Silva Colman⁴

Thailorrane Vieira de Souza⁵

Fabiana Rezer⁶

Wladimir Rodrigues Faustino⁷

RESUMO

Com a implantação da rodovia BR-163, denominada Cuiabá-Santarém, entre as décadas de 70 e 90, cujo período denominado “Ciclo do Ouro”, a nobreza do metal precioso era diretamente associada às malesas que vinham junto com sua riqueza nas áreas de garimpo na região de Peixoto de Azevedo-MT. A propósito, propõe-se aqui descrever a história do garimpo no município referido, por meio de uma pesquisa descritiva e quantitativa com suporte no levantamento de bibliografia documental no Google Acadêmico. Espera-se reificar a constatação de que o município era habitado por indígenas Panarás, conhecidos também como Kreen-akarore, que significa “índios gigantes”, sendo que em 1976 havia apenas 100 remanescentes. Em 1978, foi instalada uma cooperativa com o intuito de abrigar mil famílias às margens da BR-163. A corrida do ouro teve seu início em 1976 e seu auge entre 1978 até 1995. Nos anos 80 do século passado, a população local chegava a cerca de 45 mil habitantes, constituindo-se como marco a inauguração da Escola Estadual 19 de Julho, no primeiro ano

¹ Acadêmica do curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade do Norte de Mato Grosso – AJES, Unidade Garantã do Norte-MT.

² Acadêmica do curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade do Norte de Mato Grosso – AJES, Unidade Garantã do Norte-MT.

³ Acadêmica do curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade do Norte de Mato Grosso – AJES, Unidade Garantã do Norte-MT.

⁴ Acadêmico do curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade do Norte de Mato Grosso – AJES, Unidade Garantã do Norte-MT.

⁵ Acadêmica do curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade do Norte de Mato Grosso – AJES, Unidade Garantã do Norte-MT.

⁶ Professora Mestre e orientadora no Programa de Iniciação Científica da Faculdade do Norte de Mato Grosso – AJES, Unidade Garantã do Norte-MT; fabiana.rezer@ajes.edu.br.

⁷ Professor Mestre Coordenador do curso de Bacharelado em Enfermagem e orientador no Programa de Iniciação Científica da Faculdade do Norte de Mato Grosso – AJES, Unidade Garantã do Norte-MT; Faustino.cnf@ajes.edu.br.

daquela década. Por fim, a publicação deste artigo, ainda que de forma bastante modesta, contribuirá para pesquisas futuras sobre o histórico do Garimpo em Peixoto de Azevedo-MT.

Palavras-chave: Garimpo. Peixoto de Azevedo-MT. História. Mineração. Setor primário.

1. INTRODUÇÃO

O ouro foi um dos primeiros metais descobertos pelo homem, no entanto, por não ser afetado por água ou oxigênio como ocorre em muitos outros metais, não enferruja ou mancha, a maior parte do ouro vem de depósitos de minérios artesanais e garimpos.

Garimpo é o nome que se dá à retirada e extração manual ou mecânica de minérios como, por exemplo, o ouro; frequentemente este processo é realizado sem nenhuma preparação, ou seja, de forma ilegal, e que causa prejuízos significativos ao meio ambiente, pois esta prática pode ser realizada a céu aberto, em aluviões (RIBEIRO; IASBIK, 2019).

Historicamente, o ouro brasileiro foi descoberto pelos europeus em suas primeiras incursões no estado do Maranhão, que se localiza entre os rios Gurupi e Maracaçumé. De acordo com os relatos da época, os índios que ali viviam já conheciam o ouro, porém o consideravam de pouca significância (GONÇALVES; LISBOA; BEZERRA, 2018).

Alguns historiadores denominaram o encontro dos europeus com os índios de “encontro cultural” para “abafar” as péssimas relações forjadas desse encontro, por causa da exploração de territórios então ocupados pelos indígenas (SILVA; CARDOSO; AMORIM, 2019).

A lei nº 11.685, de 2 de julho de 2008, que criou o estatuto do garimpeiro, define o garimpeiro como “uma pessoa física de nacionalidade brasileira que, individualmente ou em forma associativa, atue diretamente no processo de extração de substâncias minerais garimpáveis”.

O Brasil se sobressai em relação a outros países como o maior produtor de ouro no decorrer dos séculos XVII e XIX; produzia de 5 a 8 toneladas auríferas por ano, por meio de empresas minerais. Nas décadas de 80 a 90 havia no país 10 grandes minas de produção artesanal, e 7 minas de porte pequeno (MELFI et al, 2016).

Desde o século XVIII, os garimpos clandestinos começaram a se alastrar pelo Brasil, e muitos garimpeiros se afastavam das grandes mineradoras e se aventuravam em regiões perigosas, muitas vezes ocupadas pelos indígenas ou pela Coroa, ou seja, onde não havia autoridades que cobrassem a porcentagem do ouro extraído (GARCIA, 2018).

A mineração, seja de grande ou pequeno porte, é uma atividade que causa erosão no solo, dentre outros desastres ecológicos, além da utilização do mercúrio em sua forma líquida para atrair o ouro diluído em determinado solo, formando assim uma liga entre os dois

componentes. De acordo com estudos já realizados, quando esse concentrado é queimado, o mercúrio evapora, deixando apenas o ouro em sua condição bruta (ARAÚJO; SOUZA, 2018).

Entretanto, além de poluir o solo, o mercúrio afeta gravemente a saúde dos garimpeiros ou de pessoas que estão envolvidas indiretamente, ou seja, os seres humanos podem ser acometidos por enfermidades neurológicas irreversíveis (GOUVEIA et al, 2019).

Dentro do contexto da garimpagem em 1988, através da Constituição Federal Brasileira (CF), concedeu-se licença à atividade garimpeira que estivesse explorando determinada área para extração do ouro, porém tal atividade deveria ser organizada na forma de cooperativa, e, em 1989, por meio da lei 7.805, foi elaborado o Regime de Permissão da Lavra Garimpeira, com objetivo de estruturar a atividade garimpeira (MACEDO et al, 2016).

2. O GARIMPO EM PEIXOTO DE AZEVEDO-MT

Com a implantação da rodovia BR-163, também denominada Cuiabá-Santarém, na década de 1970, deu-se a descoberta de ouro em depósitos aluvionares ao longo dos diversos sistemas fluviais que compõem o rio Peixoto de Azevedo que está situado há 700km da capital do estado, Cuiabá. Ao longo das décadas, a nobreza do metal precioso era diretamente associada às malesas que vinham junto com sua riqueza nas áreas de garimpo (OLIVEIRA, 2017).

Segundo Arruda (2015), o garimpo foi descoberto em 1721 por Paschoal Moreira Cabral, na beira do rio Coxipó-Mirim, pertencente ao rio Cuiabá. Por ter uma grande multidão de pessoas à procura pelo ouro na região, as minas se esgotaram, e com isso houve grandes mudanças de um local para o outro.

É assim que surgem diversos municípios no interior de Mato Grosso a partir da mineração do ouro, entre eles, Peixoto de Azevedo. Com a fundação da cidade, os índios Panarás foram removidos do local e adjacências para o Parque Nacional do Xingu, porém, já bastante dizimados: um total de cem (1000 remanescentes), no ano de 1976 (ARRUDA, 2015).

Imagem nº1 – Indígenas moradores de Peixoto de Azevedo antes do garimpo



Fonte: ARRUDA, L. R., 2015. Fotografia da tribo indígena dos Panarás, que ocupavam as terras nas quais foi erguida a cidade de Peixoto de Azevedo-MT. (Imagem cedida pelos Jornalistas Newton Afonso e Vargas Delusor Pontes)

A imagem 01 nos apresenta um lugar onde foi instalada mais tarde a COOPERCANA, Cooperativa para dar abrigo e trabalho a aproximadamente 1.000 famílias. Através da beira da BR-163, fazia-se uma entrada para a mata, feitas com facão e machados, criando-se caminhos mais conhecidos como *picadas*, as quais eram feitas pelos garimpeiros para chegar aos locais onde seria realizado o garimpo. A BR-163 foi aberta pelo 9º BEC⁸ com o objetivo de ligar Cuiabá-MT a Santarém-PA, a única via de acesso para a população garimpeira em 1978. Em 1979, foi realizada a primeira corrida do ouro, recebendo um número significativo de pessoas de pessoas (ARRUDA, 2015).

Importante destacar que essa gente pioneira era composta de imigrantes vindos de várias partes do país, com o fito de enriquecer por meio da atividade garimpeira, ou de aplicar a renda na compra de terras, então extremamente acessíveis financeiramente, posto que o lugar não contava com infraestrutura física nem atenção social suficientes à garantia da vida com dignidade humana (MAIA, 2005).

Imagem nº2 – Primeiros moradores garimpeiros de Peixoto de Azevedo-MT

⁸ O 9º Batalhão de Engenharia de Construção (9º BEC), "Batalhão General Couto de Magalhães", é uma das unidades do Exército Brasileiro, localizada no município de Cuiabá, no estado de Mato Grosso. Subordina-se ao 3.º Grupamento de Engenharia, sediado em Campo Grande. Seu nome histórico é uma homenagem ao General José Vieira Couto de Magalhães, presidente da província de Mato Grosso e responsável pelas primeiras ideias de construção da rodovia hoje conhecida como BR-163. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/9.º_Batalh%C3%A3o_de_Engenharia_de_Constru%C3%A7%C3%A3o

Rua dos Oityes, 150 – Jardim Vitória, Unidade Guarantã do Norte, Mato Grosso – 78520-000

Fone 66-3552-2510 – www.ajes.edu.br



Fonte: ARRUDA, L. R., 2015. Fotografia dos barracos de lona em meio a floresta. (Imagem cedida pelos jornalistas Newton Afonso de Vargas Delusor Pontes)

Na imagem 02, pode ser vista que a situação dos primeiros moradores garimpeiros da região de Peixoto de Azevedo-MT moravam na mata, sem segurança, saneamento básico e energia elétrica; inicialmente, os grupos foram formando pequenas vilas, que passaram a distrito e, ao longo dos anos, a município; a cidade de Peixoto de Azevedo-MT logo ficou conhecida por suas riquezas, atraindo assim muitas pessoas (ARRUDA, 2015).

Para evitar o conflito entre as pessoas que iam chegando e as que já se encontravam, foi criado um projeto de assentamento conjunto chamado PAC (Pacto de Assentamento Conjunto). O PAC atendeu inicialmente famílias que chegaram a Peixoto de Azevedo e Terra Nova do Norte-MT, município vizinho a Peixoto. Com efeito, muitas propriedades em Terra Nova e na região do Vale do Peixoto mais próxima a estas cidades estavam sendo ocupadas por garimpeiros, tornando a região, especialmente a cidade mais promissora em face da comercialização do ouro – Peixoto de Azevedo – um local de acesso e interesse a gentes de todo o Brasil (MAIA, 2005).

O ciclo do ouro se estendeu de 1978 ao começo de 1995. A política mineral do governo federal e até mesmo a escassez do metal para extração manual pelos garimpeiros decretaram o fim daquele período. Em 1995, a população peixotense chegou a 47.009 habitantes; dez anos depois, despencou para 19.224. A fantasmagoria da cidade era notável nas casas vazias abandonadas, nas lojas e bares fechados, no movimento escasso nas ruas e na falência dos bordéis, até há pouco tão abundantes (ANDRADE, 2016).

De acordo com o censo reportado por Andrade (2016), o município de Peixoto de Azevedo, com 14.257,800 km² na divisa com o Pará, tem 33.296 residentes e sua densidade demográfica é de 2,16 habitantes por quilômetro quadrado. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,649 numa escala de zero a um. O Produto Interno Bruto (PIB) é de R\$ 345.536.000 e a renda per capita, de R\$ 10.643,67.

O ritmo alucinado da extração foi reduzido, porém ainda gera renda para o município e seus vizinhos: Novo Mundo, Matupá, Guarantã do Norte, Nova Guarita e Terra Nova do Norte. O líder da Cooperativa dos Garimpeiros do Vale do Rio Peixoto (COOGAVEP) revelou que em 2015 seus cinco mil cooperados extraíram 1,9 tonelada do metal e estimou que na área, naquele ano, o volume extraído foi de quatro toneladas (ANDRADE, 2016).

Infelizmente, ao longo desses 500 anos a mineração deixou um impacto muito negativo no território brasileiro, como, por exemplo, várias minas feitas que se tornaram armadilhas para animais e pessoas, garimpos que contaminaram rios os mais diversos, além dos conflitos violentos e diários ao longo dos séculos que resultaram em mortes e sequelas irreversíveis de indígenas e demais povos que disputaram o ouro e o espaço de terra onde ele estava (ARAUJO; FERNANDES, 2016).

Na região do Vale do Peixoto, ainda existem os garimpeiros furadores. Eles trabalham por conta própria sob a supervisão da COOGAVEP e vivem do garimpo somente em um período do ano, pois, durante o outro período, vivem de extrativismo florestal e da agricultura, passando sempre de uma atividade para outra. Também há os garimpeiros que são os donos dos garimpos, sendo também eles os comerciantes e investidores tanto no garimpo quanto no potencial econômico da cidade e região do Vale (COELHO; WANDERLEY; COSTA, 2016).

3. CONCLUSÃO

As atividades garimpeiras foram essenciais ao surgimento das cidades da região do Vale do Peixoto e continuam importantes para a manutenção econômica dos projetos de desenvolvimento locais. São muitas as famílias que vivem da extração do ouro, e ainda é fortemente impactante o peso do ouro nas economias das cidades do Vale, em função do valor internacional deste bem como moeda.

Outrossim, ainda é da atividade garimpeira a principal referência a investidores de todo o país, que continuam chegando à região do Vale, mesmo que seja para outros empreendimentos. Entrementes, está em curso um poderoso movimento de mudança em novas direções, orientado sobretudo pela expansão do agronegócio parametrizado pela agricultura de larga escala e a extensão da pecuária.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, E. G. **Mato Grosso é assim – Peixoto de Azevedo, a terra do ouro**. 2016
- ARAUJO, Patrícia Correia de; SOUZA, Julia Nascimento. **Avaliação das emanações de mercúrio em garimpos brasileiros: fontes de emissão e rotas de processamento**. 2018.
- ARRUDA, L. R. **Mulheres negras garimpeiras na região de Peixoto de Azevedo-MT: décadas de 1970 a 1980**. 2015.
- COELHO, M. C. N.; WANDERLEY, L. J.; COSTA, R. C. Extrativismo do Ouro no Século XXI. Exemplos no Sudoeste da Amazônia Brasileira. **Anuário do Instituto de Geociências**, 2016.
- DA CRUZ ANDRADE, Bruna et al. **Aspectos morfoesculturais do relevo entre os municípios de Colíder a Peixoto de Azevedo-MT**.
- DA SILVA, Beatriz Araújo; CARDOSO, Lilian Bárbara Cavalcanti; AMORIM, Roseane M. Negros e índios no livro “A fada Brasiléia”: tecendo teias e repensando nossa história a partir da análise de conteúdo. **Revista Cocar**, v. 13, n. 25, p. 191-213, 2019.
- DOS SANTOS MACEDO, Alex et al. Nem Tudo que Reluz é Ouro: Os Desafios de Cooperativas Minerais em Minas Gerais. **Desenvolvimento em Questão**, v. 14, n. 36, p. 220-248, 2016.
- FERNANDES, F. R. C.; ARAUJO, E. R. **Mineração no Brasil: crescimento econômico e conflitos ambientais**.
- GONÇALVES, Lílian Daniele Pantoja; LISBOA, Gilbertene Serra; BEZERRA, José Fernando Rodrigues. Alterações Ambientais Decorrentes da Extração do Ouro no Garimpo de Caxias, Município de Luís Domingues-MA. **REVISTA EQUADOR**, v. 6, n. 2, p. 165-179, 2018.
- GOUVEIA, Nelson et al. Exposição ocupacional ao mercúrio em cooperativas de triagem de materiais recicláveis da região metropolitana de São Paulo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 1517-1526, 2019.
- MELFI, Adolpho José et al. **Recursos Minerais no Brasil: problemas e desafios**. 2016.
- GARCIA, Romyr Conde. O mão de luva e os sertões de serra acima: garimpos clandestinos e conflitos sociais no Brasil colônia. **UNIFESO-Humanas e Sociais**, v. 4, n. 4, 2018.
- OLIVEIRA, Daniel Richard Pereira de. **O depósito de Au Porteira, Peixoto de Azevedo (MT): geologia, petrologia, geocronologia e metalogênese**. 2017. xvii, 93 f., il. Dissertação (Mestrado em Geologia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- RIBEIRO, Luiz Gustavo Gonçalves; IASBIK, Thaís Aldred. O garimpo ilegal e sua (in) significância no âmbito do direito penal ambiental. **Revista Argumentum Journal of Law**, v. 20, n. 1, p. 165-184, 2019.